

♦ PROJETO ♦

VIDAS QUE CONTAM

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2.201 | (16) 3603.6716

ANO 1 | Nº 1
Dezembro/2022

LAR PADRE EUCLIDES
Av. Saudade, 1.577 | (16) 3024-7505

Dona Cida gosta de fazer crochê e não sai de casa sem passar seu batom

Residente do Lar Padre Euclides conta sobre sua infância feliz no Paraná, seus filhos e sua irmã que a visita sempre

REPÓRTER: HELENA FISHER

No Lar Padre Euclides, uma residência geriátrica em Ribeirão Preto, mora uma senhora de 75 anos chamada Aparecida de Lourdes de Lima. Nascida dia 30 de março de 1947, Aparecida, ou Cida, passou por várias mudanças ao longo da sua vida, de Franca para Maringá, e de Maringá para Ribeirão. Com essas transições, Cida adquiriu habilidades para atuar como costureira e manicure. Atualmente ela prefere trabalhar com crochê ao invés de costura, criando seus próprios padrões para fazer suas peças. Sua irmã visita Cida com frequência, e às vezes leva ela para passear pela cidade. Porém, o que ela realmente gosta é ficar no lar conversando com suas amigas e frequentando as festas no Padre Euclides com música ao vivo.

VIDAS QUE CONTAM – Onde a senhora nasceu e morava na sua infância? APARECIDA DE LOURDES DE LIMA – Eu nasci em Franca e fui criada lá no Paraná. Mudei para lá com três anos; e saí lá para cá.

Quais as boas lembranças do bairro em que a senhora nasceu?

Eu lembro da casa da minha avó. Tinha um pasto, uma casa. E tinha uma árvore caída assim, de lado, sabe? E tinha um cachorro branquinho, sentado, que subia pela árvore. Ele subia e subia...

Até que ano a senhora estudou? A senhora gostava da escola, tinha muitos amigos?

Eu estudei até o primeiro ano. Aí fechou a escola que nós estudávamos, era na cabeceira do sítio. Aí a turma foi toda pra cidade e



meu pai e minha mãe não me deixaram ir.

Foi muito difícil essa transição? O que a senhora fez depois da escola?

Eu só trabalhava no sítio. A gente colhia café, fazia manutenção, tudo era colhido na mão.

A senhora tinha irmãos, irmãos? Como era seu relacionamento com eles?

Eu tinha quatro irmãos, nós éramos cinco. A gente se dividia bem, graças a Deus. De lá em Maringá, Paraná, a gente mudou para cá, para Ribeirão. Mas eu já tinha casado. Casei no sábado e no domingo minha mãe veio embora pra cá. Eu fiquei lá, daí depois de um ano eu vim para Ribeirão.

O que a senhora gostava de fazer na sua juventude? Quais atividades? Como era sua vida de jovem?

Minha vida era trabalhar na roça onde a gente trabalhava, e mais tarde fui aprender costura. Aí aprendi na escola de costura, acabei o curso, aí

fui aprender manicure. Eu fiz uns dez anos de manicure, e depois casei, vim pra cá.

Por quanto tempo a senhora foi casada?

Catorze anos. Eu tinha 23 anos quando tive meu primeiro filho. Logo que eu casei fiquei grávida da menina. E depois de sete anos, tive o menino.

Como era seu relacionamento com seus filhos?

Foi bom, graças a Deus. Criei depois – a menina estava com catorze anos, meu marido arrumou outra e foi embora com ela. E eu fiquei sozinha, acabei de criar meus filhos muito bem. Nenhum dos dois deu trabalho.

Seus filhos e netos te visitam? A senhora os vê com frequência?

Vejo, mas os dois trabalham, então não tem como eles virem toda semana. Meu filho trabalha, minha filha também trabalha; Vai cedo e volta à noite. Quem vem

muito aqui é minha irmã. Ela sempre vem, ela me traz frutas.

A senhora pode me contar um pouco sobre as festas dos seus filhos e netos? Existe uma festa que a senhora mais gostou ou que mais marcou na sua memória?

Teve umas festas de aniversário deles, eu gostei muito. No aniversário de 18 anos do meu menino, eu fiz cinco quilos de arroz com oito galinhas. Panela enorme! E fiz a galinha tudo desfiada pra ninguém ficar procurando pedaços. Eu gostava muito de fazer doce. Fazia doce de pêssego, banana, figo e doce de leite.

Com que idade a senhora começou a fazer crochê? Eu até vi a senhora fazendo crochê no seu quarto. Quem te ensinou? O que te faz gostar tanto de croche?

Eu parei de trabalhar com crochê porque quando eu fiquei sozinha, eu saí para trabalhar na cidade como costureira de cortinas. Aí eu parei de trabalhar, que

eu não estava enxergando muito direito. E agora eu estou tratando minhas vistas. Eu aprendi sozinha. Eu vi a minha mãe fazer, mas só via, ela nunca me ensinou. Eu faço o crochê da minha ideia, eu conto os pontos e sai alguma coisa lá. Fiz um tapete grandão assim vermelho, pra minha filha. Quase dois metros de largura. Faço rápido. Eu faço mais para preencher o tempo aqui agora. Ficar à toa assim, não sei ficar à toa. Ficar nas portas dos outros, menos ainda.

A senhora falou que gosta de se maquiar e gosta de batom vermelho. A senhora acha que combina com sua personalidade, gosta da cor? Tem algo que te atrai para o batom vermelho?

Desde menina, eu ia trabalhar na roça, eu pintava, e minha unha também, sempre comprida. Fui sempre de me pintar. Eu vou tomar café, eu vou almoçar, com batom.

A senhora tem muitas amigas aqui no lar? Tem alguma coisa que a senhora gosta mais de fazer aqui?

O que eu mais gosto é ficar dentro de casa. Às vezes eu me sento ali, embaixo da árvore, fico com umas amigas, mas é muito pouco. Eu tenho [uma amiga] que passa a roupa, e duas que moram aqui, Benedita e Marlene.

EXPEDIENTE

O Projeto de Extensão "Vidas que Contam" é uma atividade desenvolvida nas disciplinas Técnica de Redação e Reportagem e Oficina de Textos, ministradas na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto. A atividade é realizada em parceria com o Lar Padre Euclides, entidade assistencial dedicada ao acolhimento de idosos, fundada em 1919 pelo padre Euclides Gomes Carneiro.

Orientação

Prof.ª Elivanete Zuppolini Barbi
Prof.ª Tania Regina Cosci

Apoio técnico

Luciano Filho e Gabriel Bordonal (LECOGRAF - Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica)